

A Administração e a Contabilidade

ROGÉRIO PFALTZGRAFF
Técnico de Contabilidade

Buscando situar a Ciência da Contabilidade dentro da Ciência da Administração, o autor, desde muito jovem dedicado às questões contábeis, traz-nos uma contribuição de valia aos estudiosos daquelas duas ciências.

Classificando a Contabilidade como ciência ancilar da Administração — tese que sem dúvida nega in limine a propalada autonomia daquele primeiro ramo do conhecimento humano — o publicista lega por certo um excelente polo às discussões do próximo Congresso de Contabilidade. (N.R.)

I A ADMINISTRAÇÃO. POSIÇÃO HISTÓRICA PRINCÍPIOS

DESDE os mais remotos tempos que a Administração existe. E não poderia sequer deixar de existir, pois desde a existência do homem, certos princípios que hoje se firmaram como base e alicerce da ciência, passaram naquele tempo a ter vida, como condição *sine-qua-non* da própria vida do homem.

É, entretanto, necessária uma ressalva.

E' que a Administração existia como conhecimento empírico; e o empirismo se baseava somente na experiência, sem que, contudo, vivesse a teoria.

Focalizemos, de maneira genérica, êsse aspecto da história da humanidade.

Pelas condições mesmas de vida, foi o homem obrigado, desde o momento em que o primeiro vislumbre de força apareceu, a implantar certos princípios de domínio e obediência. E com a força propriamente dita, surgiu a Administração, exercendo sobre os homens de uma determinada agremiação a obediência, o respeito pelo domínio que um deles exercia e, principalmente, o acatar das ordens emanadas dêste.

Era a força, sem dúvida, que surgia como formadora da futura ciência da Administração.

Uma outra atribuição desta ciência, seria a da fase divina ou teologal, na qual o homem recebia o poder das mãos dos deuses e com êste poder os demais, como força absoluta, capaz de aplicar penalidades e impor castigos, premiando e concedendo recompensas. Assim a acepção de Moisés, no monte Sinai, recebendo as táboas da lei..

Não podemos, em hipótese alguma, admitir que destas fases empírica e teologal, tivesse a administração adquirido todos os caracteres de ciência; em absoluto. A transição se foi processando lentamente, através dos tempos, assim como tudo na vida humana se transforma.

Poderíamos, agora, antes de entrar na fase científica da Administração, em linhas rápidas, ver o que fêz o poder desta ciência, no mundo antigo.

Focalizemos a cidade de Tarragona.

Dizem os historiadores que a sua origem se "perde entre as nebulosidades dos tempos pré-históricos".

Aproximadamente no ano 21 de J.C. foi esta cidade ocupada pelos romanos, que, dando-lhe o nome de "Tarraco", exerceram tal administração eficiente, que conseguiram fortificá-la e de tal maneira torná-la grande que permanece ainda hoje nos arquivos dos arqueólogos, como o marco de uma era. Para nós, os que nos preocupamos com a Administração, nada mais é que um subsídio de cultura e de fonte construtiva, de inegável e insofismável prova do muito que pode a Administração.

E, como poderia surgir uma proposição pela qual se quizesse saber como se processou a então "administração", cedemos a palavra ao arqueólogo Herrera. Diz êle: "começaram os romanos por levantar sobre as muralhas uma terceira linha de blocos, destinando o recinto amuralhado para residência dos patrícios e chefes militares e para todos aqueles cidadãos que exerciam algum cargo civil ou religioso de importância. O elemento plebeu se estabeleceu nos subúrbios. Na parte mais

alta dos recintos ergueram, entre outros suntuosos edifícios, o Capitólio, o templo de Júpiter, o Pretório, o Fôro e o Circo, e na parte baixa construíram o Anfiteatro, o Ginásio, as Termas, o Teatro, os templos Consagrados a várias divindades, o Pôrto, o Arqueduto e outras diversas obras”.

E surge então como ciência que será sempre cultivada, porque é necessária à evolução e ao progresso do homem, a Administração.

Dando, recentemente, o impulso necessário, Fayol definiu a Administração, de tal forma feliz, de maneira tão precisa, que contestar a importância e os grandes resultados que dela se obtém, é tarefa inócua.

Disse Fayol:

“administrar é prever, organizar, mandar, coordenar e controlar”.

Estudando ainda cada um dos atributos de sua definição, diz que:

“Prever é prescrutar o futuro e confeccionar o programa de ação”.

“Organizar é formar o duplo organismo, material e social da empresa”.

“Mandar é dirigir o pessoal”.

“Coordenar é ligar, unir e harmonizar todos os atos e todos os esforços”.

“Controlar é vigiar para que tudo suceda conforme as regras estabelecidas e as ordens dadas”.

Assim compreendida, a Administração não é nem um privilégio exclusivo, nem um atributo pessoal do chefe ou dos dirigentes da empresa; é uma função que se reparte, como as outras funções essenciais, entre a cabeça e os membros do corpo social”.

II

A CONTABILIDADE. CONCEITO E POSIÇÃO DA CIÊNCIA

A idéia de Contabilidade surge desde o momento em que se concebe um organismo econômico como aquele conhecimento que é verdadeiramente capaz de demonstrar estáticamente a vida do organismo, e capaz, portanto, de evidenciar, registrando e demonstrando de maneira lógica, todas as mutações por que passa.

Ao conceituarmos desta forma a Contabilidade eis que, naturalmente, surge a idéia de proprieda-

de, no sentido econômico de riqueza que é passiva de administração e, pois, de transformações.

Estudando o assunto, diz Roy B. Kester em sua obra de Contabilidade que o “direito de propriedade privada está reconhecido de uma forma quase universal na sociedade econômica moderna, e é um das pedras fundamentais em que se baseia a sociedade... Em sentido amplo, a propriedade é praticamente compatível com tudo aquilo que traduz e significa riqueza”.

Chamando de “missão”, atribui ainda Kester a função que exerce a Contabilidade nos negócios, e diz que “nas grandes empresas, onde o volume e complexidade de operações impossibilitam aos que dirigem, responsáveis pelo êxito, de intervir pessoalmente em todas as suas fases, torna-se indispensável a ajuda de certos meios capazes de proporcionar o conhecimento de certas informações fundamentais. Assim, o diretor de toda empresa necessita, principalmente, de duas modalidades de informações:

- 1.^a) as que se referem ao próprio negócio no tocante à situação e natural desenvolvimento.
- 2.^a) as que dizem respeito às condições econômicas do país, em geral, especialmente no que se refere com negócios da mesma índole, congêneres”.

A função atribuída à Contabilidade é precisamente — é o pensamento de Kester — a de satisfazer aos quesitos da primeira modalidade de informação. “Assim, pois, o departamento de Contabilidade intervém amplamente na orientação interior dos negócios, e por sua vez, a Estatística, determina conhecimentos das relações exteriores”.

Ora, a importância da Contabilidade não fica nesta distinção que vimos; vai muito além, pois admitida a idéia do “patrimônio” como reunião de elementos ativos e passivos, não somente os registra como também faz a demonstração rigorosa no como existiu a variação do rédito necessário à vida de toda empresa.

E neste estudo do rédito, demonstra de maneira precisa as fontes donde proveio, fazendo um perfeito esquema analítico de toda a possível força ascendente e a trajetória por que passou esta força, isto é, os gastos que se verificaram. Talvez se possa comparar a origem da receita à força de

terminada que, para atingir o seu objetivo, exige esforço; êste esforço, comparativamente, é a despesa.

Desta forma, eis que a Contabilidade faz a demonstração, a mais lógica e incontestável possível, das receitas e despesas, objeto de toda a atividade humana.

Mas, se a existência do patrimônio permite à Contabilidade estudar todos os fatos administrativos que originam o "animus lucrus", é bem verdade que sofre o patrimônio, em sua estrutura econômica, modificações e constantes transformações que se traduzem pela expressão técnica—"dinâmica patrimonial".

E por que assim?

Pelo simples argumento lógico-contábil de que é o patrimônio, organismo econômico, que produz o lucro, assim como o organismo humano produz a vida.

Naturalmente, pela mutabilidade dos elementos patrimoniais é que o lucro tem tal característica e tanto é verdade o que se afirma que admite a Contabilidade certos estudos que tem por finalidade deixar que se aprecie a temperatura, a pressão e as condições de bem estar e sanidade do organismo patrimonial; êstes estudos são os diversos índices e coeficientes de análises financeira e econômica.

Assim, pela conceituação e finalidade da Contabilidade, vemos que se ergue com os caracteres de ciência e como tal demonstra de forma clara os aspectos específicos, jurídico, econômico e administrativo de uma riqueza situada em estado de produtividade.

Não discutiremos a questão primária da conceituação de ciência.

Seria desnecessário e mesmo ocioso debater o aspecto filosófico da questão: o que é "ciência", quais os seus fundamentos e em que se baseia, pois estaríamos fugindo ao fim a que nos propomos neste artigo.

Podemos, sim, admitir que é uma ciência e neste pensamento afirmar que embora muitos divirjam de sua posição verdadeira, é ela indispensável à boa administração de uma entidade jurídica que se propõe a comerciar.

III — A CONJUGAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO COM A CONTABILIDADE

Levantadas as duas proposições que foram marcadas pelos itens I e II, resta-nos extrair uma con-

clusão, admitir uma solução a que nos leve o espírito, capaz de se tornar clara e preñhe de verdade.

Assim, temos:

— a administração, pelo poder que possui, executa certos atos, chamados de gestão, que põem em estado de movimentação todo o organismo azidental. Esta capacidade de mandar e fazer, leva a que exista a "vida administrativa"; e desta movimentação surgem direitos e aparecem obrigações. E' por intermédio dêste poder inteligente que cresce e se desenvolve todo o complexo de atividade humana, que dará possibilidade ao lucro, ânimo de qualquer empreendimento;

— a Contabilidade, como ciência, com suas leis, princípios e axiomas, universalmente aceitos e estudados, não só registra êses fatos administrativos, como também demonstra em qualquer e dado momento a posição econômica de uma determinada riqueza; enuncia, também, os vínculos jurídicos contraídos pelo poder administrativo, demonstrando quais as repercussões que dêles poderão surgir. Vai além: permite a visão nítida da moral e deixa transparecer da lisura de todo o desenrolar do negócio.

Do exposto, deduz-se que, enquanto a ciência da Administração tem por finalidade a previsão, a organização e coordenação da riqueza, com o intuito inteligente de fazê-la aumentar, baseada que está diretamente no organismo econômico, a Contabilidade, por seu turno, dentro de suas funções limitadas de registo dos fatos administrativos, existe como verdadeira e imprescindível ciência ancilar, que permite à Administração o seu rendimento integral.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Tarragona, *la ciudad ciclopica*, por André Herrera Rodriguez.
- 2 — H. Fayol, *Administração Geral e Industrial*, edição de Buenos Aires, 1942.
- 3 — Roy B. Kester, *Contabilidade, teoria e prática*, edição de Buenos Aires.
- 4 — J. Dumarckey, *Theorie Positive de La Comptabilité*.